



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE BRASÍLIA

EXPONDO O EVANGELHO NA PÓS-MODERNIDADE

ANDRÉ LUÍS MARTINS PEREIRA

Brasília-DF.

ANDRÉ LUÍS MARTINS PEREIRA

EXPONDO O EVANGELHO NA PÓS MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Teologia. Orientador: Hamilton Matheus da Silva Ribeiro.

Brasília-DF.

ANDRÉ LUÍS MARTINS PEREIRA

EXPONDO O EVANGELHO NA PÓS MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel em Teologia. Orientador: Hamilton Matheus da Silva Ribeiro.

Brasília-DF, Dezembro de 2015

Aprovado pelos membros da banca examinadora em ____/____/____,
com menção____ (_____)

Banca
Examinadora:

Hamilton Matheus da Silva Ribeiro
Professor (a)
(Presidente)

Denise Santana
Professor (a)
(Membro I)

EXPONDO O EVANGELHO NA PÓS-MODERNIDADE

ANDRÉ LUÍS MARTINS PEREIRA¹

Resumo:

O presente artigo visa mostrar ao leitor os perigos que rondam a pregação nas igrejas evangélicas do Brasil na atualidade. Mostra também as oportunidades que a pós-modernidade oferece para a pregação do evangelho. No decorrer da monografia muitas questões são levantadas, por exemplo: Como a pregação do evangelho pode ser relevante no mundo pós-moderno, sem cair numa espécie de secularismo? O evangelho tem alguma resposta ao homem pós-moderno? Quais são os desafios que a pregação do evangelho tem de enfrentar na pós modernidade? Qual deve ser a conduta do pastor diante dos novos desafios? Como pregar numa sociedade pós-moderna? Estas são perguntas que o autor procura responder no desenvolvimento do trabalho. Usa-se uma linguagem clara, simples e direta, sempre procurando caminhar de forma objetiva. O artigo não se reserva apenas a criticar a mentalidade do mundo pós-moderno, bem como a criticar a acomodação da igreja a esta nova maneira de pensar. Mas mostrar soluções para a exposição do evangelho ser triunfante no mundo pós-moderno.

PALAVRAS-CHAVE: pós-modernidade, evangelho, pregação expositiva

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo uma época da história da humanidade de profundas mudanças em todos os segmentos da sociedade. Paira sobre nossa geração uma nova visão de encarar a realidade e de celebrar a vida. E essas mudanças

¹ Aluno da Faculdade Teológica Batista de Brasília

ocorridas de forma rápida e transacional em nossa sociedade é denominada “Pós-Modernidade”.

Este conceito filosófico se infiltrou nas universidades, nas políticas, nas artes, e infelizmente para a humanidade, também alterou os aspectos éticos e morais da sociedade. Como não poderia ser diferente, a leitura do texto bíblico também foi comprometida e com isso afetando profundamente a pregação do evangelho.

A igreja do século XXI enfrenta muitas crises em função da época atual. Uma das mais sérias é a crise de pregação. Filosofias de pregação amplamente diversas competem por aceitação no clero contemporâneo. Alguns veem o sermão como um discurso informal; outros, como um estímulo para saúde psicológica; outros, como um comentário sobre política contemporânea. Mas alguns ainda veem a exposição da Escritura Sagrada como um ingrediente necessário ao ofício de pregar.

Como a pregação do evangelho pode ser relevante no mundo pós-moderno sem cair no secularismo? Qual deve ser a postura adotada pela nova geração de pastores que estão surgindo? O evangelho tem alguma resposta ao homem pós-moderno? Como pregar numa sociedade pós-moderna? A resposta para estas perguntas não são simples de serem respondidas. Há muitas questões em jogo. São vários os desafios a serem enfrentados.

A razão de se fazer um artigo sobre a pregação do evangelho na pós-modernidade é por se tratar de um assunto de suma importância, primeiramente para os pastores e líderes. O pregador evangélico sente na pele diariamente o desafio de anunciar o evangelho na pós-modernidade. Sabe também de perto o que é lidar com o homem pós-moderno e suas complexidades. Em segundo lugar, a razão deste trabalho é porque ele se justifica por tratar-se de um tema da atualidade, com grande relevância para os evangélicos de modo geral e até pessoas de outros grupos religiosos. O mundo vive um momento de grandes transformações e a igreja precisa estudá-lo para entendê-lo. Daí a importância desse estudo.

Os objetivos no desenvolvimento do tema é identificar quais são esses desafios, as crises geradas entre os cristãos, e as complexidades do homem pós-moderno. No desenvolvimento se procura apontar as possíveis soluções

para pregação do evangelho ser saudável em um mundo que está cada vez mais distante do criador.

Na tentativa de alcançar tais objetivos, o presente artigo foi elaborado através de pesquisa bibliográfica, de diversos autores que já trataram do assunto. Com isso obtendo uma visão privilegiada de diversas opiniões sobre tal tema e assim desfrutar de uma análise do tema, no atual cenário cristão evangélico.

1. A PÓS-MODERNIDADE

Uma das principais características do pós-modernismo é a relativização da verdade. De acordo com os profetas da pós-modernidade, não existe uma verdade absoluta, tudo é relativo. É por isso que é muito comum ouvirmos por ai alguns mantras como: "isto é verdade para você, mas não é verdade para mim", "a verdade é apenas uma questão de perspectiva", e assim por diante.

Albert Mohler se refere a era pós-moderna como:

A era de nenhuma verdade, a era que atingiu o ponto de fadiga letal no que diz respeito a encarar a verdade (...) uma era que já não acredita que a verdade possa ser conhecida. (MOHLER, 2010, p. 63)

Dessa forma a igreja brasileira sofre por causa do declínio da pregação. A falência dos púlpitos é uma tragédia para o povo de Deus. Existem muitos palestrantes, mas poucos pregadores. Há uma enorme carência de homens que preguem o evangelho das "insondáveis riquezas de Cristo". (EFÉSIOS 3; 8).

Via de regra, o que se tem visto, de norte a sul do Brasil, são homens superficiais que oferecem um tipo de "alimento" incapaz de nutrir a fé. Boa parte dos cristãos não sabe o que significa o evangelho. Muitos não conhecem as verdades elementares da fé cristã. As implicações desta triste realidade são avassaladoras. O cenário evangélico brasileiro é constituído de igrejas teologicamente confusas, moralmente frouxas, socialmente inoperantes e espiritualmente decadentes.

Devido a esses fatores percebemos a necessidade de uma análise detalhada a respeito da exposição do evangelho diante do momento atual. A

situação nas igrejas cristãs, salvo as honrosas e raras exceções, é de extrema pobreza e mediocridade nos púlpitos. Dominicalmente são oferecidos sermões mortos, pregações vazias, discursos inócuos, preleções insossas. A igreja tem sido submetida a uma dieta terrível: uma sopa rala que não nutre a fé. Existe um contingente expressivo de pessoas sem maturidade e estatura espiritual, e Igrejas cheias de pessoas vazias. Há muita gente sofrendo o processo de infantilização por falta da pregação da Palavra.

Possivelmente grande parte dessa terrível situação se deve ao fato de que elementos filosóficos e religiosos da pós-modernidade afetam a exposição bíblica nos púlpitos evangélicos brasileiros e assim queremos contribuir para a igreja brasileira através da reflexão a respeito desse assunto fundamental para todos os cristãos.

2. O QUE DEVE SER EXPOSTO

Mesmo que possa parecer evidente que o pregador deva pregar a Bíblia, isso não parece ser tão natural assim. Na verdade, pode haver uma grande confusão nos púlpitos a respeito disso. Muitos sermões possuem aparência de pregação bíblica, mas, na realidade são pensamentos de homens e não de Deus. O simples fato de alguém levar a Bíblia para o púlpito não quer dizer que ele esteja pregando realmente a Bíblia. A tentação que o pregador pode sofrer é usar um texto bíblico apenas para dizer o que pensa e não o que a Bíblia realmente diz.

Inúmeras vezes, ainda, a falha no púlpito acontece por uma preocupação em agradar aqueles que estão ouvindo. Paulo adverte que nos últimos dias as pessoas não aceitariam as verdades de Deus (2 Tm 3.1-4.5). É natural, portanto, que a pregação verdadeira não seja tão aceita pela maioria das pessoas. No entanto, quando um pregador deixa de pregar a Palavra de Deus simplesmente pela tentação de agradar a igreja, mostra que ele deixou de ser um pregador e que seu temor está em homens e não em Deus. Por isso, não está errado também afirmar que se a pregação não tem causado impacto na igreja certamente o pregador abandonou o compromisso de pregar a Bíblia. Como afirma Mohler, “se você está em paz com o mundo, você já abdicou do seu chamado”. (MOHLER, 2010, p. 22)

Muitas vezes isso se dá pela mudança de nossa atual sociedade pós-moderna, que de muitas maneiras, a igreja não pode deixar de ser apanhada por essas mudanças. Sabemos o quanto é altamente segmentada a sociedade pós-moderna, com diferentes grupos se fragmentando em suas próprias subculturas. O exemplo mais claro desse fenômeno pode estar na pregação do evangelho de Cristo.

No lugar da pregação que conduz à convicção do pecado e à salvação através da cruz de Jesus Cristo, as igrejas pregam a mensagem do “sinta-se bem” que visa consolar e alegrar as pessoas. Há quem descreva a cultura pós-modernista como uma “cultura terapeuta”, na qual o sentimento de bem-estar social, e não a verdade é o valor controlador. (HORTON, 1992, p. 54). A igreja dos nossos dias também enfrenta a tentação de substituir a teologia pela terapia.

Colson critica severamente as teologias da “religião do relax” e a capitulação à cultura popular do “McIgreja”. O consumismo na igreja, ele afirma, “dilui a mensagem, altera o caráter da igreja, perverte o evangelho, e desfaz a autoridade da igreja”. (BROW, 1990, p. 12-14)

3. APRENDENDO COM OS EXPOSITORES

A autoridade de uma pregação não vem pela forma de falar ou pelo número de pessoas que se consegue persuadir, mas pela autoridade da Palavra de Deus. Quanto a isso, Robinson explica: “Um pregador pode proclamar qualquer coisa, com voz imponente, no domingo de manhã, depois de serem cantados os hinos. Mesmo assim, quando um pregador deixa de pregar as Escrituras, perde sua autoridade.” (ROBINSON, 2002, p. 20).

Calvino, que era um grande expositor da Bíblia, não aceitava outra forma e pregação senão aquela que explicasse com fidelidade a vontade de Deus exposta na Bíblia. Para ele Deus selou em sua palavra todo o seu ensino, restringindo a qualquer que seja de diminuí-la ou acrescentá-la, para que somente ela e dela se ensinasse o que Deus havia dito. (CALVINO, 2006, IV.8.6).

Para Calvino, o motivo para se pregar biblicamente é porque somente através desta pregação que Deus se utiliza para edificar seu povo. (CALVINO,

1998, p. 313). Calvino, neste ponto não aceita exceções: “Deve-se, porém, ser mantido por nós o que já citamos de Paulo: que a Igreja não é edificada de outro modo senão pela pregação externa.” (CALVINO, 2006, IV.1.5).

Por isso, a pregação expositiva se torna o melhor modelo de pregação, pois nela a preocupação do pregador é expor a Bíblia e somente isto. Por pregação expositiva deve ser entendida como aquela pregação cujo alvo principal é explicar e aplicar a mensagem de um determinado texto da maneira mais fiel possível. Mohler, sobre isso, diz:

Eu defino pregação expositiva como aquele estilo de pregação cristã que tem como propósito central a apresentação e a aplicação do texto da Bíblia. [...] Sendo a Palavra de Deus, o texto da Escritura tem o direito de estabelecer tanto o conteúdo quanto a estrutura do sermão. A exposição genuína ocorre quando o pregador define o significado e a mensagem do texto bíblico e deixa claro como a Palavra de Deus estabelece a identidade e a perspectiva da igreja como povo de Deus. (MOHLER, 2010, p. 64).

O mesmo afirma MacArthur de maneira resumida: “por expositiva quero dizer pregar de tal maneira que o significado da passagem bíblica se apresente completa e exatamente como Deus quer”. (MACARTHUR, 1996, p. 41). Portanto, quem direciona a forma e o assunto do sermão é o texto e não o pregador.

No entanto, a pregação expositiva não é um simples método de pregação, mas um compromisso com a Palavra de Deus. Está correto Robinson ao afirmar que a pregação expositiva é mais uma filosofia do que um método. (ROBINSON, 2002, p. 22). Ligon Duncan explica melhor esse pensamento dizendo:

Eu não me refiro à pregação expositiva como um estilo ou um método de pregação, mas ao compromisso de princípios autoconsciente com a pregação de tal modo que a própria Escritura forneça o tema principal, as verdades essenciais e aplicação principal na nossa proclamação. (DUNCAN, 2010, p. 37, 38).

Assim, fazer uso de recursos homiléticos e didáticos não são errados desde que não interfira na mensagem central do texto. Na verdade, estes recursos devem ser dependentes do próprio texto.

4. A VERDADEIRA EXPOSIÇÃO

O fato de um pregador tratar de alguma verdade bíblica, não significa que ele esteja sendo expositivo. É interessante notar que o grande pregador Lloyd-Jones recusava qualquer pregação que não fosse à pregação expositiva. Neste ponto ele chega a afirmar: “A verdadeira pregação é a exposição da Palavra de Deus. Não é mera exposição dos dogmas ou do ensino da Igreja.” (LLOYD-JONES, 1986, p. 19). Em outro lugar ele ainda adverte que:

É erro grave quando um homem impõe violentamente o seu sistema sobre qualquer texto em particular; porém, ao mesmo tempo, é vital que a sua interpretação a respeito de qualquer texto específico seja confrontada e controlada por esse sistema, por esse corpo de doutrina e de verdades, que se encontram na Bíblia. A tendência de alguns homens que têm uma teologia sistemática, e à qual se apegam rigidamente, consiste em impô-la a textos particulares, assim forçando tais textos. (LLOYD-JONES, 1986, p. 48).

É nisso que se diferencia a pregação expositiva da pregação textual e temática. Na pregação textual e temática o pregador é tentado a impor a sua doutrina em determinados textos. Mas, como apresentado até agora, a preocupação do pregador é que o texto bíblico fale ao coração do crente e não um sistema doutrinário.

Para que isso ocorra, ou seja, que o pregador transmita realmente a Palavra de Deus, ele necessita de um estudo detalhado do texto bíblico. Usando as palavras de Mohler, “o pregador deve ser um servo da Palavra”. Por isso, é importante que o pregador faça uma exegese cuidadosa da passagem. Olivetti demonstra a preocupação com a correta interpretação da Palavra de Deus dizendo que:

Descuidar da interpretação da Bíblia é tender a pregar inverdades, a torcer ou trincar ou falsear as verdades da Palavra de Deus. E agir assim é ser infiel a Deus e à Sua Palavra, e é ser um traidor dos seus ouvintes e dos seus leitores. (OLIVETTI, 1994, p. 253-266. p. 259.).

Este talvez seja um grande motivo do porque a pregação expositiva não tenha tido tanto espaço nos púlpitos. A pregação expositiva exige, inevitavelmente, um estudo mais demorado e árduo que as demais formas de pregação. De certa forma, toda essa preocupação com a pregação expositiva parte de um pressuposto teológico. Como bem explica MacArthur, a pregação

expositiva deve ser uma resposta à certeza da inspiração e inerrância da Bíblia. (MACARTHUR, 1996, p.41). Ele afirma que a “infallibilidade demanda da exposição como o único método de pregação que preserva a pureza da Escritura e alcança o propósito para o qual Deus nos deu sua Palavra”. (MACARTHUR, 1996, p. 42). O mesmo afirma Mohler dizendo que se “cremos verdadeiramente que a Bíblia é a Palavra escrita de Deus, a revelação de Deus perfeita e divinamente inspirada, a pregação expositiva é a única opção válida para nós” (MOHLER, 2011, p. 72).

Nesse sentido, Shedd também explica que “o poder transformador da Palavra depende do reconhecimento da autoridade divina.” (SHEDD, 2000, p. 13). A igreja precisa obedecer à palavra pregada não pelo pregador, mas porque a autoridade vem de Deus. Se este compromisso e entendimento partir primeiramente do pregador será mais fácil para que a igreja também se comprometa. Shedd continua neste pensamento dizendo que “quando um mestre da Palavra demonstra um compromisso real com a revelação de Deus, os ouvintes estarão mais dispostos a aprender a se submeter igualmente aos conselhos divinos.” (SHEDD, 2000, p. 56).

Tanto MacArthur quanto Shedd evidenciam uma preocupação em mostrar a grande tarefa que o pregador tem nas mãos. Com esse ensino eles refletem um princípio que se estende desde a reforma, que o pregador fiel à Escritura é na verdade a própria “boca de Deus”. (ANGLADA, 2005, p. 60). Para a teologia reformada, pregar biblicamente não é falar algo acerca da Palavra de Deus. Pelo contrário, a pregação bíblica se torna a própria Palavra de Deus. Sobre isso, Anglada afirma:

Assim como a palavra inspirada não deixa de ser divina, embora escrita por autores humanos em pleno uso de suas peculiaridades humanas, assim também a palavra pregada não deixa de ser de Deus por ser mediada pela personalidade do pregador.
(ANGLADA, <http://geocities.com/arpav/biblioteca/voxdei.html>. 19 de agosto, 2008)

Calvino ainda concorda ao dizer que a baixa condição humana ao que se refere o ensino, não diminui a autoridade da doutrina bíblica, pois o próprio Deus assim capacitou a cada um dos seus, que foram chamados ao ensino e pregação da Sua palavra e os consagrou para serem a sua própria voz.

(CALVINO, 2006, IV.1.5.). Ainda reforça que a nossa fé não é fundamentada em palavras humanas, mas sim em Cristo que fala através de instrumentos humanos. A autoridade da fé vem de reconhecermos esse fato. (CALVINO, 1998, p. 75).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa breve análise do cenário evangélico brasileiro atual, fica a seguinte pergunta: Como pregar numa sociedade pós-moderna? O pregador não pode se esquecer do grande peso que carrega em seus ombros. Ele deve ser fiel à Palavra do Senhor para que ele seja a própria voz de Deus. Ele não é apenas um orador, mas é um mensageiro de Deus. Ele não pode simplesmente estar preocupado em agradar pessoas, mas preocupado em agradar aquele que envia a mensagem ao seu povo.

O cristianismo, poderá dar uma resposta a nossa sociedade atual através da pregação do evangelho, em uma época que o contexto levanta dúvidas na cabeça do próprio cristão. Por isso, a responsabilidade do pregador é ajudar os ouvintes a entender questões levantadas na atualidade. Ele é responsável em ensinar a verdade de maneira que desenvolva nos ouvintes uma mente cristã para conseguir discernir os grandes problemas de hoje e deste modo amadurecer em Cristo.

Para isso o púlpito precisa ser cristocêntrico. Cristo precisa voltar a ser o centro e o interesse da pregação. Cristo precisa voltar a ter a primazia no ensino. Cristo precisa voltar ao primeiro lugar no púlpito. Chega de estrelismo humano e de excentricidade doutrinária.

Outra observação deve ser feita sobre a pregação expositiva. Afinal, até essa forma de pregação tem causado certa confusão nos pregadores. A função da exegese na pregação é apenas para “oferecer uma boa base para descobrir o sentido do texto”. (SHEDD, 2000, p. 67). Mas, a exegese não deve ser apresentada em um sermão. Com essa preocupação em mente Thomas explica que a pregação deve sempre ser feita de maneira didática. Em seu artigo sobre pregação expositiva ele mostra que a pregação expositiva não é um comentário exegético sobre um determinado texto.

Se o primeiro dever de um pastor é ser instruído no conhecimento da sã doutrina, e o segundo é reter sua confissão com firmeza e inusitada coragem, o terceiro é que adapte o método do ensino visando a produzir edificação, e não divague movido pela ambição, por entre as sutilezas da curiosidade frívola; mas, ao contrário, que busque tão-somente o sólido avanço da Igreja.

Se a mensagem vem carregada de informações complexas o pregador não está atingindo o objetivo da pregação. Mas, o pregador deve aprender a selecionar bem o conteúdo e apresentar a mensagem de maneira que até o mais simples consiga entender e ser edificado. Shedd alerta que “quando uma mensagem não consegue transformar o coração, fatalmente o endurece” (SHEDD. Palavra viva. p.11).

O pregador, portanto, não deve se sentir alegre por elogios recebidos devido à sua eloquência, mas quando percebe que vidas estão sendo transformadas pela exposição da Palavra de Deus e aplicação dela. O objetivo principal da aplicação é a preocupação em ver vidas sendo transformadas pela palavra de Deus. Se este não for o propósito tanto a aplicação quanto a própria pregação perdem o sentido de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGLADA, P. R. B. Introdução à Pregação Reformada. Ananindeua: Knox Publicações, 2005.

ANGLADA, P. R. B. A Teologia Reformada da Pregação. <http://geocities.com/arpav/biblioteca/voxdei.html>, 19 agosto 2008.

BÍBLIA Almeida Revista e atualizada da SBB.

BROW, R. The Evangelical Megashift. **Christianity Today**, fevereiro 1990.

CALVINO, J. As Pastorais: 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito e Filemon: Comentário à sagrada escritura. São Paulo: Edições Paracletos, 1998.

CALVINO, J. Efésios. São Paulo: Edições Paracletos, 1998.

CALVINO, J. As Institutas. 2ª. ed. São Paulo: CEP, v. IV, 2006.

DUNCAN, L. J. Pregar Cristo a Partir do Antigo Testamento. In: **DEVER A Pregação da Cruz**. São Paulo: CEP, 2010.

ELLSWORTH, R. Pregue a Palavra. São José dos Campos: Fiel, 2005.

HORTON, M. The Selling Out of the Evangelical Church. Chicago: Moody Press, 1992.

LLOYD-JONES, M. D. Pregação & pregadores. 2ª. ed. São José dos Campos: Fiel, 1986.

MACARTHUR, J. El mandato de la infalibilidad biblica. In: **MACARTHUR EI redescubrimiento de la predicacion expositiva**. Nashville: Caribe, 1996.

MOHLER, A. R. Pregar com a cultura em mente. In: _____ **A pregação da cruz**. São Paulo: CEP, 2010.

MOHLER, A. R. Deus não está em silêncio. São José dos Campos: Fiel, 2011.

OLIVETTI, O. O púlpito e a interpretação da Bíblia. In: PIERATT **Chamado para servir**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

ROBINSON, W. Pregação bíblica. In: _____ **O desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos**. 2ª. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.

SHEDD, R. P. Palavra viva. São Paulo: Vida Nova, 2000.